

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Especialização em Residência Docente para a Formação de Educadores da
Educação Básica

Marcilene Meire de Andrade

**O USO DE APLICATIVOS, SITES E JOGOS PARA FOMENTAR A
AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

2020

MARCILENE MEIRE DE ANDRADE

**O USO DE APLICATIVOS, SITES E JOGOS PARA FOMENTAR A AUTONOMIA
NA APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELO
HORIZONTE**

Monografia de especialização apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica.

Orientador (a): PROF.A LUIZA SANTANA CHAVES MICONI FERREIRA.

Belo Horizonte

2020

CIP – Catalogação na publicação

A553u Andrade, Marcilene Meire de
O uso de aplicativos, sites e jogos para fomentar a autonomia na aprendizagem de Inglês em uma escola pública de Belo Horizonte / Marcilene Meire de Andrade. - Belo Horizonte, 2020.
34 f.; enc.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2020.

Orientadora: Luíza Santana Chaves Miconi Ferreira

Inclui bibliografia.

1. Tecnologias digitais. 2. Ensino de inglês – Estudo e ensino – Métodos de ensino. 3. Escolas públicas. I. Título. II. Ferreira, Luíza Santana Chaves Miconi. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 375.4
CDU: 372.880.20

Elaborada por: Biblioteca do Centro Pedagógico/EBAP/UFMG
Danielle Teixeira de Oliveira – CRB-6: 3516



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CENTRO PEDAGÓGICO
SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO "RESIDÊNCIA DOCENTE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA"

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Cursista: MARCILENE MEIRE DE ANDRADE

Matrícula: 2018741238

Título do Trabalho: O uso de aplicativos, sites e jogos para fomentar a autonomia na aprendizagem de Inglês em uma escola pública de Belo Horizonte

BANCA EXAMINADORA:

Professor(a) orientador(a): Luíza Santana Chaves Miconi Ferreira

Professor(as) examinador(as): Raika Luana Aleme, Eulálio Marques Borges, Claudia Regina Fonseca Miguel Sapag Ricci, Tania Margarida Lima Costa

Aos 19 dias do mês de setembro de 2020, reuniram-se através de Teleconferência pelo aplicativo Zomm, os (as) professores(as) orientadores(as) e examinadores, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) cursista **MARCILENE MEIRE DE ANDRADE**. Após a apresentação, o (a) cursista foi arguido e a banca fez considerações conforme parecer abaixo.

PARECER: APROVADA NOTA: 90 CONSIDERAÇÕES:

Este documento foi gerado pela Secretaria do Curso de Especialização "Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica" baseado em informações enviadas pela banca examinadora para a secretaria do curso. E terá validade se assinado pelos membros da secretaria do curso.



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Moreira Marques, Secretário(a)**, em 28/10/2020, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0338521** e o código CRC **0B1EA633**.

RESUMO

Professores de inglês no ensino público encontram problemas com a desmotivação e desinteresse por grande parte dos alunos, bem como a falta de estratégias para orientar os aprendizes a encontrarem maior autonomia na aprendizagem. Este projeto de ação, fruto de uma parceria entre a secretaria Municipal com a Universidade Federal de Minas Gerais, por meio do curso de especialização Residência Docente, busca propor atividades que se baseiam no conceito *Mobile Learning* para o ensino de Inglês usando ferramentas interativas gratuitas da internet, a fim de tentar ampliar a autonomia na aprendizagem bem como suprir os problemas de carga horária diminuta, desmotivação dos aprendizes e o contato insuficiente com o uso real do Inglês. Espera-se que esta metodologia contribua para a melhoria do ensino público atual.

Palavras-chave: Ensino de inglês. Tecnologia. *Mobile learning* .*Google Classroom*.

ABSTRACT

English teachers, in public education, find some problems with demotivation and lack of interest by most students, as well as the lack of strategies to guide learners to find greater autonomy in learning. This project is the result of a partnership between the education secretary and the Federal University of Minas Gerais, through the specialization course Residência Docente, seeks to propose activities that are based on the Mobile Learning concept for teaching English, using free interactive tools from internet, in order to try to expand the autonomy in learning and to supply the problems of diminished workload, student's demotivation and the insufficient contact with the real use of English. This methodology is expected to contribute to the improvement of public education.

Keywords: English teaching. Technology. Mobile learning. Google Classroom.

SUMÁRIO

1 MEMORIAL.....	7
2 INTRODUÇÃO.....	16
2.1 PROBLEMA.....	16
2.2 OBJETIVOS.....	16
2.2.1 Objetivos específicos.....	16
2.3 JUSTIFICATIVA.....	17
2.4 DURAÇÃO DO PROJETO.....	18
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	23
4.1 RECURSOS.....	25
4.2 AVALIAÇÃO.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 MEMORIAL

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. (...). Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. (...) A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 2019, p.98-99).

Falar sobre o passado nem sempre é fácil pois demanda reflexões sobre o vivido, e muitas vezes é distorcida a visão que temos sobre nossas vivências. Para o sociólogo Maurice Halbwachs (2004), a memória seria aquilo que flutua está entre o concreto e o vivido, a imagem e o momentâneo e, principalmente, se relaciona com afeto. Quando relembramos o vivenciado, carregamos de muito afeto e emoção os fatos que aconteceram e, como disse anteriormente, pode haver distorção dos fatos reais. Mas o que importa não é o vivido, ali estampado e com realidade comprovada, o que importa é o impacto que cada fato propiciou na construção do que somos agora.

Gostaria de procurar nos baús da minha vida fatos que representem e justifiquem a escolha e o amor à minha profissão docente. Para tanto, tentarei contar os fatos em forma linear, quando possível. E, para começar, recordo que na época de vestibulares não passava pela minha mente ser professora de jeito nenhum, queria mesmo era ser médica, achando que era a mais nobre das profissões. Porém, ao ter contato com a realidade desta profissão, constatei que eu não iria conseguir ser feliz presenciando o sofrimento de outros. Depois de diversas tentativas, desisti da profissão na área da saúde, mesmo tendo conquistado vagas para Enfermagem em diversas faculdades. Quis parar de estudar, e queria de qualquer forma começar a trabalhar, já que nunca havia trabalhado antes. Fui chamada por uma empresa, e logo após algumas semanas de treinamento, desisti. Estava perdida, não sabia o que seria da minha vida profissional.

Voltei, então, para o cursinho pré-vestibular, sem saber quais seriam as próximas escolhas para a minha graduação. Um dia, em uma aula de Literatura, um professor despertou, sem querer, um amor por literatura que estava adormecido em

mim. Tal professor tinha prazer em ensinar e iniciava a aula sempre com um poema ou um trecho de algum clássico, nacional ou não. Estes trechos eram como doses homeopáticas, aliviavam a tensão de ter que ser aprovada de qualquer jeito em um vestibular. E um belo dia, tal professor iniciou a aula com a tradução do clássico *The Road Not Taken*:

TWO roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;

Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,

And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way,
I doubted if I should ever come back.

I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference. (Robert Frost

1920.)

Quando fui apresentada a este poema, achei-o muito bonito, mas não percebi o quanto era sensível e nunca poderia prever que, um dia, ele serviria para descrever minha experiência docente. Mas deixo para analisar novamente este poema no tempo certo, voltarei agora para o tempo em que era vestibulanda. Após analisar muito que profissão escolher, acabei me deparando com o curso de Letras.

Lecionar era a última coisa que minha família, principalmente minha mãe, queria para mim. Essa rejeição era devido ser esta a profissão que se arrasta e passa de geração em geração em nossa família. Sim, eu seria mais uma professora no meio de tantos outros familiares. Mas fazer o quê, se desde criança gostamos de imitar os adultos, e quando via minha mãe em sala de aula achava magnífico e, em

casa era a minha brincadeira preferida.

Ao entrar para o curso de Letras da UFMG, vivenciei diversos sentimentos. O interesse por literatura era latente, porém, ao mesmo tempo era forte também a certeza de que o mercado de trabalho seria muito restrito e por sua vez, não lucrativo. Decidi então optar por ser licenciada em Inglês, com a ideia de que poderia trabalhar com tradução, escolas regulares e cursinhos. Ledo engano, as minhas experiências profissionais e a minha trajetória dentro da faculdade me levaram a ter aversão à tradução, e as aulas de Sociologia e política me conduziram a questionar e refletir cada vez mais sobre a situação da educação pública do país. Em um dos trabalhos realizados em Sociologia nesta faculdade, lembrei do meu passado como aluna do ensino fundamental, e vislumbrei o que gostaria realizar como futura professora.

Não consigo lembrar muitas coisas da minha experiência escolar, entretanto existem algumas coisas que marcaram a minha trajetória de estudante. Sempre gostei de aprender e era uma aluna participativa e empenhada. Meu relacionamento com os professores era de respeito, porém, desde muito cedo, eu era muito crítica com eles. Mas isso, deixo para contar mais adiante, pois primeiro gostaria de relatar as boas lembranças de alguns mestres (é bom ressaltar que estes que eu citarei aqui não foram apenas professores).

O primeiro que vem à minha mente é o Prof. Paulinho das aulas de História da sexta série. Ele foi, simplesmente, o melhor professor que já tive, não somente por ele ter o domínio da matéria ou por saber repartir seu conhecimento de uma maneira simples e eficiente, mas pelo tratamento dado a nós, seus alunos. Ele conhecia aluno por aluno, e quando percebia que havia alguma coisa errada conosco, ele procurava saber o motivo e oferecia ajuda. Na minha turma, este professor conseguiu transformar a trajetória de três alunos que não tinham interesse nenhum pelos estudos, malcomportados e que de certa forma, eram até um pouco violentos. Isto pode parecer, para quem não foi seu aluno, uma coisa sem importância, mas para quem viu este mestre mudar comportamentos com palavras e conselhos, sabe que isto fez toda a diferença e foi inesquecível.

Poderia citar outros professores que também foram marcantes como o Prof. Tião, de Matemática, que com uma maneira divertida e persistente fez com que eu aprendesse esta matéria apenas no terceiro ano do Ensino Médio, visto que nunca

havia aprendido Matemática anteriormente, ou então o Prof. Márcio, de Português, que quando me encontra na rua, mesmo depois de muitos anos, ainda me chama pelo nome. Porém, o que mais me marcou foram as professoras de Inglês e Português que tive, pois era muito revoltante a maneira como eram conduzidas suas práticas pedagógicas.

Sempre estudei em escolas públicas em que o ensino de Inglês e Português era defasado. Como eu disse, desde muito cedo era crítica com meus professores, lembro que na quinta série (em 1998), eu estudava na Escola Municipal Antônio Sales Barbosa, e a minha professora era amiga da minha mãe. Acontece que um dia, eu tive a coragem de dizer para ela que ela não sabia ser professora (minha mãe ficou desesperada!). Isto ocorreu porque ela escolheu um material didático que não era interessante e que era bem repetitivo. Além disso, sempre achei as suas avaliações injustas. Ela apenas avaliava o aluno por sua presença em sala de aula e por sua capacidade de resumir textos. Ora, eu sempre fui tímida para ter uma presença notória em sala de aula, e não havia provas para mostrar os meus conhecimentos. O resultado disso eram notas terríveis e muita indignação de minha parte.

Com relação aos professores de Inglês, eu nunca conseguia aprender nada, eles todos não passavam do verbo “To Be”, e, como sempre, eu questionava muito a metodologia deles. Isto ficou pior depois que eu entrei para um curso de Inglês, pois pude perceber como era discrepante a diferença no ensino da escola pública para a particular. Acredito que isto influenciou muito a escolha da minha profissão, e naquela aula de Sociologia na UFMG que contei, encontrei um objetivo na minha vida profissional: gostaria de fazer a diferença na vida de muitos alunos, de ser aquela professora que ficará como uma boa lembrança para meus alunos. Proporcionar, para alunos de escola pública, um ensino de inglês que seja equivalente ao ensino particular passava a ser minha meta.

Foi só no fim do curso de Letras que comecei a trabalhar como secretária de um curso conceituado em Belo Horizonte. O objetivo, neste lugar, era poder fazer cursos de inglês avançado e obter certificados internacionais, para mais tarde poder pertencer à sua equipe docente. Vieram os cursos e os certificados internacionais, e com eles algumas observações que me incomodavam sobre o ensino particular. Pude presenciar algumas situações estressantes que o professor de um curso de

Inglês vivencia. São alunos desinteressados cujo pais os obrigam a fazer tal curso, e que se não aprendem, a culpa é totalmente do professor; é aluno que questiona, a todo tempo, se tal professor vale o quanto ele paga. Enfim, aos poucos fui desistindo de tentar ser professora daquele curso de Inglês. Neste meio tempo, enviei currículos para diversas escolas regulares e consegui uma vaga de professora de Inglês em um colégio conceituado, seria professora de Inglês de alunos do berçário até o último ano do fundamental.

Iniciar minha profissão em tal colégio era motivador, em minha mente estava tudo idealizado: alunos disciplinados e interessados, turmas com reduzido número de alunos, pais que apoiariam toda a prática pedagógica, valorização profissional, enfim, um mundo perfeito para um professor. No início, eu com toda inocência acreditei que realmente estava vivendo essa utopia, mas após alguns meses esse mundo desmoronou bruscamente. A decepção pelo ensino particular então crescia. Foi neste meio tempo que a secretaria estadual de educação me nomeou como professora da EJA na escola Estadual Mário Elias De Carvalho, e logo comecei a trabalhar ao mesmo tempo nas duas instituições. As aulas eram para alunos fora da idade escolar que estavam regressando para o ensino médio. As turmas eram vazias e o interesse pela matéria era prazeroso. Comecei assim, a fazer comparativos entre o trabalho nas duas instituições, e cada vez mais gostaria de deixar o ensino particular.

Para a primeira reunião de pais da dita escola particular, que utilizava conceitos para avaliar os alunos, elaborei planilhas para avaliar os alunos de diversas maneiras, e o resultado final condizia com o real desenvolvimento de cada um. Estranhei ao perceber que alguns alunos que possuíam avaliação excelente com as outras professoras experientes naquela instituição, estavam regulares comigo, e alguns até com conceito ruim. Não havíamos discutido nenhuma nota ou feito conselhos de classe anteriormente, até porque não havia tempo para isto. O Inglês, a Literatura, Música e Educação Física eram consideradas matérias de aulas especializadas e ficavam separadas do ensino. Nesta primeira reunião nós, professoras de aulas especializadas, nos encontrávamos reunidas em uma sala à espera dos responsáveis dos alunos.

Para a minha surpresa, muitos pais vieram à minha procura e alguns estavam desesperados com a nota obtida pelos seus filhos. Eu mostrava e argumentava com

provas o desenvolvimento deles e a maioria dos pais ficaram satisfeitos com a forma pela qual tomaram conhecimento do real desenvolvimento dos filhos, mas outros não acreditavam. Toda essa movimentação gerou muito desgaste para mim e ao final dessa odisseia, as outras professoras debocharam e criticaram a minha forma de avaliar. Disseram que este era o erro que toda iniciante tinha que passar e que elas aprenderam a avaliar os alunos de forma a “agradar o cliente”. E foi assim que realmente desisti do ensino particular, em que há professores que avaliam alunos de forma superficial e enganosa, seja para evitar trabalhos desgastantes, como o que tive, ou seja para agradar a família, já que cliente sempre tem razão.

Confesso que, aos poucos, entrei nessa armadilha da educação particular, visto que a própria coordenação me orientou a evitar confrontos com alguns pais que não aceitavam o real desenvolvimento dos filhos. Passei então, a avaliar os alunos como faziam as outras professoras, utilizando apenas os conceitos A e B. As reuniões posteriores ocorreram com mais tranquilidade, porém, estava estabelecido em mim um estado de caos e de decepção total com tal forma de lidar com avaliações. Aplicava provas, atividades que seriam descartadas, por opção do “mercado”. Enquanto isso, na escola pública eu avaliava os alunos da forma que julgava representar o desenvolvimento dos alunos e de forma que, ao meu ver aumentava o interesse e diminuía o peso da “nota serve só para passar de ano”.

Insatisfeita com todo esse retrato do “mercado da educação”, comecei a prestar concursos para diversas prefeituras. Foi assim que fui nomeada pela prefeitura de Contagem e quis abandonar o colégio particular. Diversas manobras foram feitas pela diretora para me manter na instituição, alegando que os pais e os alunos gostavam muito do meu trabalho. Por fim, reduziram minha carga horária, que era de quase 30 horas semanais, e consegui trabalhar, quase que metade de um ano, em três escolas e três turnos. Foi uma experiência desgastante, sem tempo para família, para mim, para planejamento e principalmente para continuidade dos meus estudos. Venci aquele ano e me demiti da escola particular, com o sentimento de quem chega ao topo da montanha após longas e árduas horas de caminhada.

Estava agora como professora estadual e municipal de Contagem. Na escola municipal trabalho com o ensino fundamental, faixa etária com a qual me identifico, em uma comunidade muito carente. Enfrentava diversos problemas como comportamento e ausência dos responsáveis dos alunos em suas vidas escolares.

Apesar dos problemas, as condições de trabalho não são tão ruins quanto muitos julgam ser, porém sei que existem muitas coisas para serem melhoradas, mas ver o interesse de muitos alunos, que se não fosse pela escola, não teriam nunca acesso ao aprendizado de uma segunda língua, me motiva a tentar melhorar o ensino de inglês em escolas públicas.

Fiquei cerca de dois anos atuando como professora da EJA e amava esta função. Os alunos, em grande parte, tinham interesse e respeito com a aprendizagem. Valorizavam o ensino à maneira deles, cientes de que já haviam perdido muito tempo. O ensino de inglês era muito distante da realidade deles. Felizmente, consegui ativar o interesse e o prazer em aprender inglês nesta turma, utilizando de recursos diversos, entre eles, o ensino de português em comparação com o inglês. Sempre comparava a gramática das duas línguas e ressaltava como o inglês é mais simples do que o português, e isso foi ganhando aos poucos mais popularidade entre eles. Infelizmente, deixei estas aulas na EJA para tomar posse em outro cargo público, agora na prefeitura de Belo Horizonte.

A prefeitura de Contagem iniciou um curso de extensão em parceria com a UFMG denominado Residência Docente. Fui selecionada e comecei este curso no início de 2014. A proposta do curso era oferecer uma discussão das práticas docentes adotadas no âmbito Municipal e no Federal, e constituía de observações das aulas e orientações com os professores da UFMG. Tal experiência foi gratificante e me incentivou a querer estudar cada vez mais.

Durante o curso do Residência Docente, houve uma forte inquietação em relação ao sistema de avaliação que é adotado pelas realidades que me cercam. Comecei a me questionar sobre qual seria a maneira mais eficaz de coletar dados sobre o aproveitamento dos alunos. Seria apenas pontuá-los ou emitir conceitos? Será que a falta de teorias e discussões sobre o tema tem levado a uma utilização errônea de conceitos e pontos e, na prática, o que acontece, é uma mistura das duas formas, não havendo assim uma grande evolução na forma de avaliar? E será que os professores não estariam avaliando meramente por avaliar, deixando de lado as reflexões sobre este importante processo? Estes questionamentos nortearam o desenvolvimento de um artigo que propunha expor diferentes olhares acerca do ato de avaliar.

A escrita deste artigo me trouxe a autonomia que precisava para continuar

meus estudos. Fiz pesquisas e me interessei por assuntos que jamais poderia imaginar que atrairiam minha atenção e empenho. Além disso, durante este curso tive a oportunidade de ser selecionada para outro curso, desta vez de especialização Lato Sensu, também ministrado pela UFMG. Agora, depois de 5 anos, retorno ao mesmo curso Residência Docente, com o intuito de me especializar na prática da minha profissão. Outros questionamentos apareceram em relação a motivação dos alunos em aprender um novo idioma e espero que o artigo que irei escrever esclareça tais questionamentos. É muito enriquecedor realizar novamente esta imersão, e tenho certeza que concluirei este curso com informações mais concretas e mais fundamentadas sobre a profissão e a prática docente.

Para representar e construir uma metáfora sobre as minhas escolhas profissionais escolhi o poema *The Road Not Taken*, de Robert Frost. Analisando-o superficialmente, o poema pode ser compreendido e resumido como a opinião de um viajante que experimentou sentimentos ao se deparar com duas estradas, que na verdade seriam semelhantes, já que são separadas por um mesmo bosque. Entretanto, uma delas é visualmente atraente e mais utilizada e a outra menos atrativa e por sua vez menos caminhada. Escolher a estrada que poucos viajavam, fez toda diferença segundo tal viajante.

Seguir a profissão docente hoje na nossa sociedade não é fácil e, talvez, agora começo a compreender melhor a aversão da minha mãe sobre a escolha que fiz para minha vida. Sei agora que não há valorização do nosso trabalho pela maior parte da sociedade, que a aproximação com a violência é algo inevitável, que o salário é incoerente e sei que muitas decepções ainda estão por vir. Porém, nada disso fez com que eu desistisse de ser Professora.

Percebi que o ensino privado é o caminho mais procurado, o mais confortável, uma vez que o professor de tal entidade fica distante da realidade desesperadora, dura e cruel da maior parte dos brasileiros. A maioria dos meus colegas de faculdade seguiram suas profissões no ensino particular, portanto confirmo que escolhi a estrada menos viajada e menos atraente. Toda a minha efêmera experiência, como viajante, na estrada do ensino privado fez com que eu pudesse compreender que, na realidade, as duas estradas são as mesmas, já que nossa profissão está afogada em diversos conflitos. Na escola particular há diversos conflitos profissionais que enfrentamos, tal como o conflito do “cliente” e do “produto”

aprendizagem. Já no ensino público o conflito com a violência e a falta de valorização da educação são os mais latentes problemas. Porém os conflitos da baixa remuneração, da falta de valorização, do descrédito da instituição escolar, entre outros, são os mesmos independente da escolha da docência pública ou privada.

Quando era universitária, presenciei muitas manifestações de preconceito com o ensino público e ainda há, entre os meus ex-colegas de trabalho do ensino privado, uma certa aversão com o nosso trabalho. Confirmando que escolhi a estrada menos viajada e menos atraente. Acredito ser esta a escolha que fará toda a diferença, e espero que não apenas para minha profissão, mas para a vida de cada aluno que passará pelas minhas aulas. Sei que ainda não sou a melhor profissional da área, mas pretendo adquirir cada vez mais tal excelência, a fim de atingir os meus objetivos profissionais despertados na minha vivência escolar e principalmente profissional que relatei neste memorial.

2 INTRODUÇÃO

Este projeto aconteceu com 2 turmas de 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Belo Horizonte, no qual os alunos tiveram uma experiência de aprender inglês usando atividades baseadas no conceito de *M-learning*. Este projeto é fruto de uma parceria entre a secretaria Municipal com a Universidade Federal de Minas Gerais, por meio do curso de especialização Residência Docente.

2.1 Problema

As aulas de Inglês em escolas regulares do ensino público possuem carga horária limitada para o trabalho das habilidades de escrita, fala e escuta do Inglês. Juntando-se a esta realidade há o problema de desmotivação e desinteresse por alguns alunos. Nos recursos didáticos disponíveis em sala de aula, há poucas possibilidades de contato com o uso real da língua.

Portanto, este projeto busca problematizar tais situações e pretende construir novas possibilidades e metodologias no ensino de Inglês usando ferramentas interativas gratuitas que a internet dispõe, a fim de tentar ampliar o conhecimento dos alunos e suprir os problemas de carga horária diminuta, desmotivação dos aprendizes e o contato insuficiente com o uso real do Inglês.

2.2 Objetivos

Este projeto visa propiciar uma aprendizagem produtiva do inglês, integrando a teoria aprendida em sala de aula com a prática e a vivência que a internet pode oferecer. Desta forma, incentiva a ampliação do conhecimento por meio de atividades mais atraentes e prazerosas para os alunos, promovendo a motivação com o aprendizado da língua.

2.2.1 Objetivos específicos

Os objetivos específicos desenvolvem o objetivo geral exposto acima, por meio da proposta de:

- Aumentar o contato do aluno com o idioma estudado, uma vez

que 2 aulas semanais de 60 minutos são insuficientes para o domínio das habilidades de escrita, leitura, fala e audição do inglês;

- Implementar o uso de atividades educacionais aproximadas ao conceito de *M-learning*, integrando a escola ao universo digital ao qual alguns alunos já estão familiarizados;
- Ampliar o vocabulário dos aprendizes e conseqüentemente o uso da língua por eles;
- Motivar a autonomia na aprendizagem;
- Diagnosticar se os alunos ficaram mais motivados em aprender o idioma e se desenvolveram um pouco de autonomia com o idioma.

2.3. Justificativa

O jovem de hoje não tem como fonte de saber apenas os muros da escola (o ambiente físico), ele tem acesso em suas mãos a um mundo de informações, o *ciberespaço*, no qual ele pode visitar museus internacionais, sites de países, entre outros, sem nunca ter saído do Brasil. É neste novo espaço do saber sem paredes, não porque o ensino mudou, mas porque a sociedade mudou, que o jovem adquire conhecimento e aprendizado.

Muitas escolas, principalmente as públicas, ainda não perceberam a importância de inserir os alunos nesta nova realidade e ainda não estão preparadas para concretizar atividades no meio virtual, seja pela não disponibilidade de recursos ou por falta de preparação dos professores. Portanto, a escola e o professor devem buscar inserir, em suas práticas, ferramentas educacionais provenientes da internet e/ou da tecnologia, para que suas aulas acompanhem as inovações da sociedade.

A todo o momento os jovens recorrem a recursos tecnológicos para afirmarem sua identidade, para solucionar dúvidas e encontrar alguma forma de diversão no ambiente virtual, desta forma, estão muito familiarizados com este ambiente e encontram prazer em participar deste “mundo”. Atividades educacionais no ambiente virtual dariam um suporte às aulas presenciais e poderiam trazer maior prazer em aprender o idioma.

Assim, este trabalho justifica-se pelo vasto material autêntico para a leitura e escuta do idioma que a internet oferece e pelas contribuições positivas do *e-learning*

ou *m-learning* (*mobile learning* ou aprendizagem móvel) que permite maior interatividade e leva o aluno a um universo mais prazeroso de aprendizagem. Por fim, outra justificativa para este projeto é que a internet oferece vastos recursos para que eles possam relacionar os vocabulários a imagens e sons, evitando assim traduções excessivas e garantindo a fixação das palavras.

2.4 Duração do Plano de Ação

Este projeto foi implementado em 10 semanas com 2 turmas de 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Belo Horizonte e seguiu o seguinte cronograma:

- Semana 1: 01/04 a 05/04/2019: Entrega e elaboração dos bilhetes com orientações sobre o projeto, e orientações para alunos criarem um Gmail.
- Semana 2: 08/04 a 12/04/2019: Primeira atividade: Questionário online sobre motivação e conhecendo o *Google Classroom*.
- Semana 3: 15/04 a 19/04/2019: Atividade: Entendendo o que é uma resenha.
- Semana 4: 20/05 a 24/05/2019: Leitura de uma resenha de filme em inglês e atividade de interpretação de texto.
- Semana 5: 27/05 a 15/06/2019: Assistindo ao filme *The Cure*, em inglês, e realizando sua própria resenha.
- Semana 6: 17/06 a 29/06/2019: Levantamento de sites, jogos, aplicativos e demais recursos que a internet dispõe que podem ajudar os aprendizes a aprender inglês.
- Semana 7: 01/07 a 16/08/2019: Trabalho em grupo no qual os alunos deverão escolher, entre as ferramentas escolhidas e apresentadas, 2 recursos para a elaboração de resenhas em inglês e português.

- Semana 8: 16/08 a 02/09/2019: Trabalho em grupo no qual os alunos devem elaborar um vídeo que explique a resenha elaborada.
- Semana 9: 21/09/2019: Exposição do trabalho na feira anual de trabalhos da escola.
- Semana 10: 01/10 a 04/10/2019: Avaliação.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A internet é considerada hoje um espaço público mundial, onde seus usuários encontram e compartilham informações e opiniões. Os jovens desta geração estão familiarizados a acessar este espaço na palma de suas mãos e isto é uma experiência diferente da vivida pela geração de alguns de seus professores, que eram acostumados a se deslocar a um ambiente físico com computador e sistema de internet. Perdia-se muito tempo em encontrar este espaço, ligar equipamentos e esperar o acesso à internet.

Muitos professores ainda estão presos a esta ideia de que ainda é necessário a dependência de um espaço físico (laboratório escolar) para a execução de um projeto escolar que visa o compartilhamento de conhecimento por meio da internet. Como muitas escolas públicas ainda estão longe de possuir um laboratório de computação que realmente funcione e aliado a rotina pesada que o professor enfrenta, na qual ele não tem tempo para planejar suas ações, a educação pública ainda está longe de integrar efetivamente o ensino ao ciberespaço. E isto é uma defasagem na preparação dos alunos para a sociedade.

Geralmente, as pessoas esperam trabalhar, aprender e estudar em qualquer local e a qualquer momento, porque as tecnologias móveis, que usam diariamente, são cada vez mais “cloudbased” (Johnson et al., 2011), aumentando as possibilidades de acesso à informação independentemente do dispositivo ou do local. O universo corporativo está cada vez mais colaborativo e conectado mudando notadamente a maneira como se organiza, estruturando novos modelos, espaços e projetos (NEIDENBACH, 2019, p.23)

Como é preciso reagir a este contexto, este trabalho busca como base teórica o conceito de *mobile learning*, no qual o professor e os alunos não precisam de um tempo e um espaço físico estabelecido para que a aprendizagem ocorra. Segundo Valetim (2009), o termo começou a surgir a partir de estudos pilotos e estudos de caso e, por muito tempo, faltou uma teoria que abrangesse e unificasse estes levantamentos. Porém, ao longo da última década, conferências e publicações com conceituada importância consagraram o termo.

Desta forma, o termo ainda está em evolução e é considerado uma área emergente de estudos (Johnson et al., 2011). Segundo Moura, o conceito continua acompanhando o desenvolvimento tecnológico da sociedade. Ela aponta que:

Uma das primeiras definições, referida por Quinn (2000), centrada ainda

muito na tecnologia, apresenta o mobile learning como e-learning através de dispositivos móveis. Mais tarde, Quinn (2011) alarga esta definição ao utilizador e ao contexto, considerando que o mobile learning compreende experiências de aprendizagem de pequena duração (ao longo do dia), favorecendo o fornecimento de informação necessária num determinado contexto e para um fim específico. Barbosa et al. (2011, p. 24) consideram ser um equívoco “afirmar que o m-learning seja uma mera extensão do e-learning”. Para estes autores, os dispositivos móveis podem ajudar a potenciar experiências de aprendizagem presenciais, por isso o mais importante é caracterizar o m-learning por aquilo que o diferencia de outras modalidades. (MOURA, 2012, p.2)

Os pilares do termo em estudo se destacam por permitir a redução do tempo de aquisição do conhecimento, uma vez que o aluno tem acesso a diversas mídias que podem contribuir para seu aprendizado de maneira quase instantânea e aumentar os tempos de estudo que vão além da sala de aula, já que um aparelho de telefone é algo que está em movimento, acessível a qualquer momento e pode ser usado como ferramenta de aprendizagem que vai além da sala de aula.

Este projeto se baseia na concepção de que atividades feitas nesta nova modalidade, para serem adaptadas à realidade dos adolescentes e para atender alunos que não possuem internet no celular, devem ser de curta duração para incentivar que aproveitem alguns minutos disponíveis durante o dia para aprender. Ele se caracteriza como mais um meio para que o aluno retenha o conteúdo de sala de aula e propicia que o estudante coloque este conteúdo em prática a qualquer momento.

O jovem tem o smartphone como uma maneira de expressar sua identidade e de demonstrar suas preferências, reafirmando seu lugar na sociedade. É por este aparelho que o mesmo se conecta com o mundo, é o que Moura (2012, p. 62) chama de “[...] o cordão umbilical que os mantém conectados com o mundo exterior e lhes oferece a possibilidade de obter informação essencial para enfrentar as necessidades quotidianas”. Desta forma, a maioria destes jovens o utilizam para o lazer e isto contribui para que estejam motivados a utilizá-lo para fins de aprendizagem.

A colaboratividade é um termo central desta modalidade de ensino e este projeto visa o desenvolvimento de um processo educacional interativo que propicia a produção de conhecimento individual e em grupo. A troca de informações, experiências, opiniões e saberes enriquece a aprendizagem e caminha para uma tendência da sociedade contemporânea, que é a interação no meio digital (como

exemplo os jogos online, redes sociais, aplicativos de conversa e etc.) Bittencourt aponta que:

Uma pedagogia colaborativa, principalmente aquela apoiada pelas novas tecnologias, é um caminho que possibilita a construção de uma realidade coletiva. Por destacar a participação ativa e a interação, o conhecimento é visto como uma construção social e, por isso, ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação, favorecem de forma incisiva, o processo educativo. O objetivo maior da pedagogia colaborativa é que os ambientes por ela utilizados sejam ricos em possibilidades e propiciem o crescimento de um grupo. (BITTENCOURT, 2004, p.2)

Adaptar um projeto educacional ao *mobile learning* não deve estar baseado apenas no uso da tecnologia em si, com o intuito de apenas “abrilhantar” as aulas e torná-las mais atrativas. É necessário que tenha metas definidas e que atenda as demandas dos aprendizes. Esta modalidade de ensino emana uma concepção de ensino mais individualizado, ao conceito de “*just for me*” e o mediador do processo deve ter isto em mente, participando efetivamente das atividades propostas e disponibilizando orientações e feedbacks frequentemente. Segundo Moura:

O mais importante em todas estas tecnologias emergentes é que são ferramentas complementares que ajudam o utilizador na aventura do saber e do conhecimento. Devemos evitar a tentação de usar a tecnologia pela tecnologia, porque saciado o momento de curiosidade e descoberta da ferramenta, se o conteúdo, a metodologia e a pedagogia não tornarem a atividade interessante e significativa para o aluno, de pouco adiantam os efeitos especiais. O essencial é que a tecnologia escolhida seja adequada aos conteúdos, ao público-alvo e às competências a serem trabalhadas. A aprendizagem efetiva é a que tem caráter significativo e um dos seus requisitos é que se apoie em conhecimentos prévios e destrezas dos alunos. (MOURA, 2012, p.13)

Assim, ao escolher trabalhar com o *m-learning*, este projeto tem como meta construir autonomia na aquisição do idioma e a ampliação de horas de estudo de inglês dos alunos participantes, a evolução de suas habilidades escritas e auditivas e, o incremento de vocabulário do referido idioma. Além disso, este projeto almeja inserir alunos, que estão distantes do ambiente virtual, no ciberespaço bem como motivar o aprendizado do idioma por meio das preferências dos estudantes.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a implementação do projeto, iniciou-se um trabalho em sala de aula no qual os alunos deveriam responder um questionário impresso a fim de conhecer seus hábitos de uso da internet e identificar aqueles que não possuem acesso à internet. Foi explicado a eles que a proposta de trabalho acontecerá durante o ano letivo, dividido em 3 etapas de execução para facilitar e conciliar a pontuação escolar. Desta forma, será disponibilizado em cada etapa 6 pontos para os alunos que realizarem as atividades no tempo solicitado para as mesmas.

Após o mapeamento dos alunos que não tinham acesso à internet, foi realizado uma solicitação junto à escola para que estes alunos utilizem o laboratório para a realização das atividades. Como em duas turmas apenas 5 alunos estavam nesta situação, o laboratório comportou esta demanda. Eles deveriam ao final da aula de inglês, executar as atividades semanais em 15 minutos, tempo suficiente para a realização das mesmas.

Como plataforma para a elaboração das atividades foi escolhido o *Google Classroom*, no qual cada aluno foi cadastrado pelo *e-mail* informado no questionário anterior. Eles foram divididos em duas turmas seguindo a formação das aulas presenciais para que ficassem confortáveis na realização das atividades, respeitando a afinidade dos estudantes.

Na primeira semana, os estudantes encontraram como primeira atividade uma ambientação com a plataforma e suas ferramentas por meio de um vídeo do YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=aMD6J4V0v3s>) e deveriam pontuar suas impressões iniciais do projeto. Como segunda atividade, dois vídeos foram postados com o intuito de apresentar para os alunos o gênero textual resenha (<https://www.youtube.com/watch?v=mtvgZQ0dNkE> e https://www.youtube.com/watch?v=zFzJwx_2xzY) os estudantes tiveram que buscar na internet exemplos de resenha de algo que eles gostam e postar o link para outro aluno comentar e interagir por meio da ferramenta *Comentários*. Cada atividade teve o valor de 3 pontos, totalizando os 6 pontos da primeira etapa.

Já na segunda etapa do projeto os alunos leram uma resenha em inglês e responderam questões de interpretação elaboradas usando o *Questionário Google*. Nesta atividade que tem como princípio a leitura rápida em busca de informação

específica e a qual proporciona o contato com o inglês em situação real de uso, foram atribuídos 2 pontos.

A quarta atividade é uma atividade que trabalhou habilidades de *listening* e *writing* e orientou que os alunos assistissem ao filme *The Cure* https://www.youtube.com/watch?v=2OjenkJ_wnU e produzissem uma resenha curta sobre este filme seguindo o exemplo da atividade anterior e as orientações. O valor foi de 6 pontos (3 pontos extras para incentivar a realização da mesma).

Para finalizar a segunda etapa cada aluno fez um levantamento de 4 aplicativos, sites ou jogos que contribuem para o aprendizado do inglês e compartilhou com a turma no *Google Classroom*. Foi orientado que evitassem repetições afim de construir um portfólio de ferramentas variadas, e que comentassem a pesquisa dos colegas. Ela foi pontuada com 2 pontos (1 ponto extra para incentivar a realização da mesma).

Para a última etapa que novamente apresentou pontuação de 6 pontos mais 4 pontos extras, os alunos visitaram novamente a atividade anterior e em grupos de 5 integrantes produziram uma resenha escrita e um vídeo curto sobre dois aplicativos, ou sites ou jogo escolhidos anteriormente. Para a realização da resenha os discentes responderam o seguinte roteiro:

- Tipo de ferramenta: jogo, site ou aplicativo;
- Compatibilidade: iPhone, iPad, android;
- Categoria: Viagens, Estilo de vida etc;
- Preço;
- Descrição do grupo;
- Qual a função do app;
- Minha opinião do app;
- Onde baixar;
- Recomendações de uso, como aprender inglês com ele;
- Como foi a sua experiência em aprender inglês usando esta ferramenta;
- Pontos fortes e pontos fracos.

Para a realização desta atividade os alunos postaram a resenha escrita em inglês e em português no *Google Classroom* e elaboraram um vídeo para ser

apresentado para toda comunidade escolar em um evento anual de exposição de trabalhos da escola.

4.1 Recursos

Este projeto tem como concepção o conceito de *Mobile learning*, seguindo assim a ideia de que o aprendiz deve aprender em qualquer lugar e a qualquer hora. Desta forma, não é necessário um ambiente formal de aprendizagem com computadores e internet (salvo os casos de alunos que não possuem acesso à internet). É necessário a criação de uma sala virtual no recurso *Google Classroom* e que todos os alunos tenham uma conta no Gmail.

4.2 Avaliação

A fim de aferir se os objetivos iniciais de motivar a autonomia na aprendizagem e aumentar o contato do aluno com o idioma estudado, bem como diagnosticar se os alunos ficaram mais motivados em aprender o inglês é que se faz necessário diversificar as formas de avaliação deste projeto.

Desta forma, a avaliação será realizada em três tempos diferentes, A primeira que acontecerá durante todo o processo será a análise do feedback de cada aluno em sala de aula, suas percepções e dificuldades que nortearam o desenvolvimento das atividades propostas e servirão para a reflexão do professor sobre a sua aplicabilidade.

Ao final do projeto, os alunos serão orientados a preencher uma reflexão do projeto e da trajetória deles durante a realização das atividades. Esta percepção dos alunos captada por meio do questionário *Google* servirá para levantar dados quantitativos e qualitativos do desenvolvimento do projeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto tem como concepção o conceito de *Mobile learning*, seguindo assim a ideia de que o aprendiz deve aprender em qualquer lugar e a qualquer hora. Ao escolher implementar um projeto com esta concepção, é necessário ressaltar que tal projeto não deve estar baseado apenas no uso da tecnologia em si, com o intuito de apenas “abrilhantar” as aulas e torná-las mais atrativas. Para isto, foi necessário traçar metas definidas a fim de atender as demandas de aprendizagem do aluno e a necessidades do professor. Desta forma, as atividades apresentadas podem proporcionar diferentes aplicações de acordo como o contexto de cada escola.

Espera-se que ao final do projeto os alunos tenham aumentando o contato com o inglês, bem como ampliado o vocabulário e construído um pouco de autonomia na aprendizagem. Além disso, espera-se que os estudantes fiquem mais motivados em aprender o idioma.

Estima-se que este projeto seja uma ferramenta na tentativa de resolução dos problemas iniciais encontrados nas aulas de Inglês da escola pesquisada e que colabore para a inserção de alunos que estão longe do ambiente virtual, além de ser uma contribuição para a melhoria do ensino público atual.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Carla Simone et al. Aprendizagem colaborativa apoiada por computador. **RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 2, n. 1, outubro, 2004.

FROST, Robert. **Mountain Interval**. New York. Henry Holt and Company, 1920.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JOHNSON, L., Adams, S., Haywood, K. **The NMC Horizon Report**. Austin, Texas. The New Media Consortium. 2011.

LIMA, Jorge Reis; CAPITÃO, Zélia Maria Amaro. **e-Learning e e-Conteúdos**. Lisboa. Centro Atlântico, 2003.

MOURA, Adelina. **Mobile learning: Tendências tecnológicas emergentes. Aprender na era digital: Jogos e Mobile-Learning**. Universidade Portucalense p. 127-147, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261483033_Mobile_Learning_tendencias_tecnologicas_emergentes. Acesso em: 6/05/2019.

NEIDENBACH, Soraia Finamor. **O uso da gamificação como prática engajadora de funcionários em empresas varejistas**. Orientadora Prof.^a. Dr.^a. Vanessa Cepellos. 2019. 71 páginas. Tese de Doutorado em Gestão para a Competitividade. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

VALENTIM, Hugo Duarte. **Para uma Compreensão do Mobile Learning. Reflexão sobre a utilidade das tecnologias móveis na aprendizagem informal e para a construção de ambientes pessoais de aprendizagem**. Orientadora Prof.^a. Dr. Carlos Correia. 2009. 153 páginas. Tese de Doutorado em Gestão de Sistemas e-Learning. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. 2009.